

## **O Saber-Fazer da Viola Caipira e o (Re)Envolvimento Rural no Pré- Assentamento Elizabeth Teixeira**

*The Know-How of the Viola Caipira and Rural  
(Re)Involvement in the Elizabeth Teixeira Pre-  
Settlement*

*El Saber-Hacer de la Viola Caipira y el  
(Re)Involucramiento Rural en el Preasentamiento  
Elizabeth Teixeira*

**Átila Ramirez**

Universidade Federal da Bahia – UFBA  
[atilaramirezsilva@gmail.com](mailto:atilaramirezsilva@gmail.com)

**Luiz Antônio Cabello Norder**

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar  
[luiz.norder@ufscar.br](mailto:luiz.norder@ufscar.br)

**Resumo:** Este artigo analisa a dimensão cultural dos processos de (re)envolvimento rural a partir do Projeto de Extensão Comunitária Viola Caipira, realizado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) no pré-assentamento Elizabeth Teixeira, em Limeira, São Paulo. O projeto desenvolveu oficinas de construção coletiva de quatro violas caipiras e encontros formativos sobre espaços educadores culturais sob a perspectiva da cultura caipira. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, com observação participante, registros fotográficos e análise de materiais produzidos durante a experiência, especialmente o guia de confecção da viola. A análise considerou as condições materiais do território, as relações de cooperação e vizinhança, a circulação do saber-fazer e os vínculos

de pertencimento produzidos no processo. Os resultados indicam que a construção das violas funcionou como prática cultural situada, articulando aprendizagem, memória, trabalho coletivo e reflexão sobre as condições de vida no pré-assentamento.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento rural. Multifuncionalidade. Cultura caipira. Viola caipira. Território.

**Abstract:** This article analyzes the cultural dimension of rural (re)involvement processes based on the Viola Caipira Community Extension Project, carried out by the State University of Campinas (Unicamp) in the Elizabeth Teixeira pre-settlement, in Limeira, São Paulo, Brazil. The project developed workshops for the collective construction of four violas caipiras and training meetings on cultural educational spaces from the perspective of caipira culture. The research adopted a qualitative approach, with participant observation, photographic records, and analysis of materials produced during the experience, especially the viola caipira construction guide. The analysis considered the material conditions of the territory, relations of cooperation and neighborhood, the circulation of know-how, and the bonds of belonging produced during the process. The results indicate that the construction of the violas functioned as a situated cultural practice, articulating learning, memory, collective work, and reflection on living conditions in the pre-settlement.

**Keywords:** Rural development. Multifunctionality. Caipira culture. Viola caipira. Territory.

**Resumén:** Este artículo analiza la dimensión cultural de los procesos de (re)involucramiento rural a partir del Proyecto de Extensión Comunitaria Viola Caipira, realizado por la Universidad Estadual de Campinas (Unicamp) en el preasentamiento Elizabeth Teixeira, en Limeira, São Paulo, Brasil. El proyecto desarrolló talleres de construcción colectiva de cuatro violas caipiras y encuentros formativos sobre espacios educadores culturales desde la perspectiva de la cultura caipira. La investigación adoptó un enfoque

cuantitativo, con observación participante, registros fotográficos y análisis de materiales producidos durante la experiencia, especialmente la guía de construcción de la viola caipira. El análisis consideró las condiciones materiales del territorio, las relaciones de cooperación y vecindad, la circulación del saber-hacer y los vínculos de pertenencia producidos durante el proceso. Los resultados indican que la construcción de las violas funcionó como una práctica cultural situada, articulando aprendizaje, memoria, trabajo colectivo y reflexión sobre las condiciones de vida en el presentamiento.

**Palabras clave:** Desarrollo rural. Multifuncionalidad. Cultura caipira. Viola caipira. Territorio.

## Introdução

A relação entre cultura, territorialidade e desenvolvimento social em contextos rurais tem sido objeto de interesse nas pesquisas sobre ruralidade, agricultura familiar e desenvolvimento territorial. As práticas culturais expressam dimensões simbólicas da vida comunitária e constituem processos de pertencimento, sociabilidade, memória e organização coletiva.

Este artigo analisa o Projeto de Extensão Comunitária (PEC) Viola Caipira, conduzido pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) no pré-assentamento Elizabeth Teixeira (ET), localizado no município de Limeira, estado de São Paulo. O projeto incluiu seis oficinas para a construção coletiva de quatro violas caipiras e sete encontros voltados à discussão de espaços educadores culturais sob a perspectiva da cultura caipira. As atividades ocorreram entre outubro de 2017 e outubro de 2018, com a participação de agricultores, agricultoras, estudantes universitários e crianças da comunidade.

A construção das violas caipiras teve uma intencionalidade formativa vinculada à consciência do território. A fabricação dos instrumentos possibilitou a circulação de saberes, o fortalecimento de vínculos comunitários e a reflexão sobre as condições de vida no pré-assentamento. A atividade articulou prática cultural, trabalho coletivo e produção de sentidos sobre o território.

O objetivo do artigo é analisar de que modo a construção coletiva de violas caipiras, no âmbito de um projeto de extensão universitária, contribuiu para processos de (re)envolvimento social, cultural e territorial em uma comunidade rural em situação de pré-assentamento. A análise parte da noção de multifuncionalidade dos territórios rurais, compreendendo o rural a partir de suas dimensões produtivas, culturais, educativas, ambientais, sociais e simbólicas.

O uso do termo “(re)envolvimento” enfatiza a centralidade dos sujeitos, das práticas culturais e dos vínculos territoriais nas discussões sobre desenvolvimento rural. O estudo se limita ao caso analisado e busca contribuir para o debate sobre a importância das práticas culturais na

construção de processos coletivos de pertencimento, resistência e valorização do território.

## **Materiais e métodos**

A pesquisa foi estruturada como um estudo de caso de abordagem qualitativa sobre o Projeto de Extensão Comunitária Viola Caipira, realizado no pré-assentamento Elizabeth Teixeira, no município de Limeira, estado de São Paulo. A escolha pelo estudo de caso se justifica pelo interesse em analisar uma experiência situada, desenvolvida em um território específico, com sujeitos, condições materiais e formas de organização próprias.

A coleta de dados foi realizada por meio da observação participante durante as oficinas de construção das violas caipiras e os encontros formativos vinculados ao projeto, ocorridos entre outubro de 2017 e outubro de 2018. A observação acompanhou as interações entre agricultores, agricultoras, estudantes universitários, crianças, equipe do projeto, luthier e moradores do pré-assentamento. Foram considerados os modos de participação dos sujeitos, as práticas de cooperação, as dificuldades enfrentadas durante a construção dos instrumentos, os diálogos produzidos nas oficinas e as relações estabelecidas com o território.

Também compuseram o material de análise os registros fotográficos do projeto e os materiais produzidos durante a experiência, especialmente o guia de confecção da viola caipira. Esses registros permitiram observar etapas do processo de construção dos instrumentos, formas de organização do trabalho coletivo e elementos do saber-fazer mobilizado durante as oficinas.

A análise dos dados foi organizada a partir de quatro eixos: as condições materiais do pré-assentamento; as relações de cooperação, vizinhança e participação comunitária; a circulação do saber-fazer relacionado à construção da viola caipira; e os vínculos de pertencimento produzidos durante o processo. Esses eixos orientaram a articulação entre os dados observados e as discussões teóricas sobre multifuncionalidade rural, cultura caipira, território e (re)envolvimento rural.

A pesquisa não se baseou em entrevistas estruturadas, aplicação de questionários ou mensuração quantitativa de impacto. Por isso, os resultados apresentados devem ser compreendidos como indícios qualitativos produzidos a partir da observação participante, dos registros do processo e da análise da experiência coletiva. Essa delimitação orienta a leitura dos resultados e evita que os efeitos observados sejam generalizados para outros contextos rurais sem mediações analíticas.

## **Multifuncionalidade rural e agricultura familiar: aspectos culturais em foco**

O conceito de multifuncionalidade rural permite compreender o espaço rural para além da produção agropecuária. Essa perspectiva considera as dimensões sociais, ambientais, culturais e econômicas que compõem os territórios rurais e suas formas de organização. A agricultura familiar, nesse contexto, expressa modos de vida, relações de trabalho, práticas culturais, vínculos comunitários e formas próprias de apropriação do território.

Baptista (2001), ao analisar os territórios rurais no contexto da Europa do Sul, observa que a diferenciação entre rural e urbano muitas vezes se apoia no tamanho dos aglomerados populacionais. Essa leitura, embora importante, não esgota a compreensão do rural. As relações de vizinhança, parentesco, amizade, cooperação e pertencimento também estruturam a vida nesses territórios. A multifuncionalidade rural, portanto, contribui para analisar as formas pelas quais atividades produtivas, práticas culturais e relações sociais se articulam na configuração dos espaços rurais.

Nesse sentido, Lima (2007) destaca a emergência de uma “ruralidade transformada”, marcada por novas funções sociais e ambientais atribuídas ao espaço rural:

Estamos, perante uma “ruralidade transformada” relativamente à qual uma parte considerável do sector da agricultura a tempo parcial, pode vir a constituir uma via potencial para a manutenção ou, mesmo, para a expansão, através do preenchimento das designadas “novas” funções

sociais e ambientais, de práticas agrícolas consentâneas com a crescente e diversificada procura social que, no actual contexto social e ambiental, incide sobre os espaços rurais pós industriais (Lima, 2007, p. 9).

A agricultura familiar participa dessa ruralidade transformada ao combinar produção, sociabilidade, transmissão de saberes, cuidado com o ambiente e práticas culturais. Suas formas de organização revelam particularidades locais e contribuem para a criação de funções sociais, ambientais e culturais no território. Cazella (2017) observa que, apesar dos avanços nas políticas públicas voltadas à agricultura familiar no Brasil, persistem limites na articulação entre políticas produtivas, assistência social, fomento agropecuário e contrapartidas culturais e socioambientais.

O reconhecimento político e a alocação de recursos públicos para a agricultura familiar não diminuíram a atenção dada pelo aparelho de Estado ao conjunto de políticas consideradas estratégicas para o crescimento do setor agropecuário. As ações visando o fortalecimento do ambiente institucional e as dotações orçamentárias, especialmente destinadas ao crédito rural subsidiado, priorizam amplamente as formas de produção não familiar (Cazella, 2017, p. 55).

Essa questão é relevante para o presente estudo porque evidencia a necessidade de considerar a cultura como dimensão constitutiva dos processos de desenvolvimento rural. As políticas direcionadas ao campo frequentemente priorizam a produção agrícola e a renda, deixando em segundo plano práticas culturais que organizam a memória coletiva, a sociabilidade e o pertencimento territorial.

A multifuncionalidade da agricultura familiar apresenta-se como alternativa analítica ao modelo centrado na produção agrícola de larga escala. Essa abordagem permite observar como práticas tradicionais são mantidas, transformadas e articuladas a novas condições sociais e econômicas. Oliveira (2014) mostra que costumes tradicionais do meio rural podem ser incorporados a novas lógicas produtivas, como ocorre com a produção de queijos e geleias, antes voltada ao consumo familiar e, posteriormente, também destinada à comercialização.

A agricultura familiar reúne sujeitos que exercem funções sociais e culturais diversas, como benzedores, mestres populares, lideranças comunitárias, tocadores, cantadores e organizadores de manifestações culturais. Essas presenças ampliam a compreensão do rural como espaço de produção material e simbólica. No caso analisado neste artigo, a construção coletiva de violas caipiras permite observar essa dimensão cultural da multifuncionalidade rural, pois articula trabalho manual, memória, aprendizagem, cooperação e pertencimento ao território.

Dessa forma, a multifuncionalidade rural oferece uma base teórica para compreender o Projeto de Extensão Comunitária Viola Caipira no pré-assentamento Elizabeth Teixeira. A fabricação das quatro violas será analisada como prática cultural situada, vinculada às relações comunitárias, às condições concretas do território e aos processos de (re)envolvimento rural.

## **A cultura caipira em meio aos desafios contemporâneos**

A cultura caipira compõe a formação social de parte do território brasileiro e expressa modos de vida vinculados ao campo, ao trabalho, à religiosidade, à música, às festas populares, à oralidade e à memória comunitária. Em seus estudos sobre o caipira paulista, Candido (1987) analisa os impactos das transformações sociais e ecológicas sobre essas formas culturais.

A cultura do caipira, como a do primitivo, não foi feita para o progresso; a sua mudança é o fim, porque está baseada em tipos tão precários de ajustamento ecológico e social que a alteração destes provoca derrocada das formas de cultura por eles condicionada. Daí o fato de encontrarmos nela uma continuidade, uma sobrevivência das formas essenciais, sob transformações de superfície que não atingem o cerne senão quando a árvore já foi derrubada – e o caipira deixou de o ser (Candido, 1987, p. 83).

A leitura de Candido contribui para compreender as tensões entre permanência e mudança nas culturas rurais. A cultura caipira se transforma

em contato com a urbanização, com os meios de comunicação, com as mudanças no trabalho rural e com novas formas de circulação das práticas culturais. Essas transformações modificam usos, sentidos e formas de transmissão da tradição.

A relação entre cultura tradicional e modernidade tem sido discutida por diferentes autores no campo das ciências humanas. No contexto brasileiro, estudos como os de DaMatta (1986), Vianna (1996), Ortiz (2006), Wisnik (2012) e Schwarcz (2015) contribuem para pensar os modos pelos quais práticas culturais populares são reelaboradas em diferentes momentos históricos. Nessa perspectiva, a cultura caipira pode ser compreendida como uma tradição em movimento, marcada por permanências, adaptações e novas formas de presença social.

Na cultura caipira, a viola ocupa lugar expressivo. O instrumento aparece vinculado a práticas musicais, festas, narrativas orais, modos de sociabilidade e memórias da vida no campo. Violeiros e violeiras participam da transmissão dessas referências culturais por meio da música, da poesia, dos repertórios tradicionais e das experiências compartilhadas nas comunidades.

Nas últimas décadas, a viola caipira passou por processos de renovação estética e maior presença em instituições culturais, festivais, universidades e meios de comunicação. Dias (2010) observa que o acolhimento dos novos violeiros se relaciona às inovações introduzidas no uso do instrumento e à sua articulação com uma ruralidade emergente:

O acolhimento desses novos violeiros nas últimas décadas na programação das instituições provedoras de cultura e na mídia, certamente passa pelas inovações estéticas por eles introduzidas, articulando o instrumento à visão de uma emergente ruralidade. A imagem de um símbolo identitário ajustado à nova ruralidade seria mais sedutora à diversidade do público, do que as “purezas” da viola ou do estilo das duplas caipiras. O instrumento, que era representado como “autenticamente” caipira, ou seja, portador de uma identidade cultural estável, tem então seu universo simbólico caipira ampliado e dotado de interfaces para dialogar com outras vertentes musicais que se desenvolveram na modernidade (Dias, 2010).

---

Essa ampliação do universo simbólico da viola permite compreender o instrumento como prática cultural situada em diferentes contextos sociais. A viola permanece associada à cultura caipira e passa a circular também em espaços educativos, artísticos, institucionais e comunitários. No caso analisado neste artigo, essa circulação ocorreu por meio de um projeto de extensão universitária desenvolvido em uma comunidade rural em situação de pré-assentamento.

O pré-assentamento Elizabeth Teixeira, localizado no município de Limeira, estado de São Paulo, reunia aproximadamente 250 famílias em uma área de cerca de 124 hectares. Durante a realização do projeto, o território enfrentava dificuldades relacionadas à regularização fundiária, à ausência de energia elétrica e água encanada, ao acesso limitado à assistência técnica rural e à precariedade das políticas públicas voltadas à agricultura. Essas condições marcaram o desenvolvimento das oficinas e a experiência coletiva de construção das violas.

A construção coletiva de quatro violas caipiras articulou cultura, trabalho manual, aprendizagem e organização comunitária. Agricultores, agricultoras, estudantes universitários e crianças participaram de um processo em que o saber-fazer do instrumento foi compartilhado, registrado e reelaborado no contexto do pré-assentamento. Como desdobramento desse processo, foi elaborado um guia de confecção da viola caipira, conforme apresentado na Figura 1.



**Figura 1 - Guia de confecção de viola caipira realizado durante o projeto de extensão**

Fonte: Gustavo Filipe (2018).

O guia sistematizou etapas, materiais e procedimentos utilizados nas oficinas. Sua elaboração contribuiu para registrar o conhecimento produzido durante o projeto e para favorecer a circulação do saber-fazer da viola entre os participantes. No âmbito deste estudo, a figura funciona como registro de uma prática cultural construída coletivamente no território.

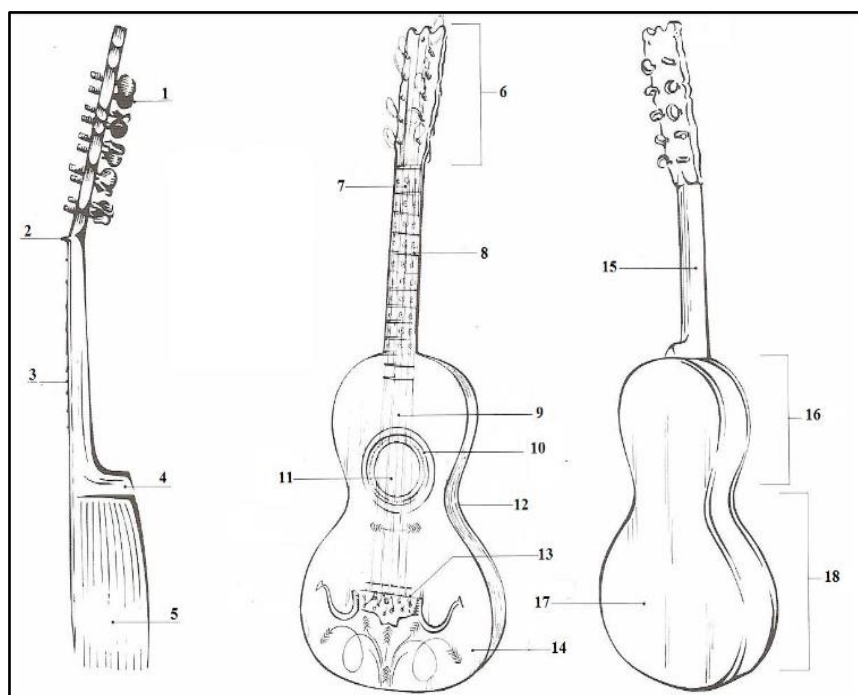
O Projeto de Extensão Comunitária Viola Caipira permitiu observar a cultura como dimensão do (re)envolvimento rural. A construção dos instrumentos mobilizou saberes técnicos, memórias, vínculos comunitários e reflexões sobre as condições concretas do pré-assentamento. A cultura caipira, nesse caso, foi acionada como referência para uma experiência formativa situada, vinculada à vida coletiva e às disputas em torno do território.

## A construção da viola caipira

O projeto de construção das violas caipiras integrou práticas culturais presentes na comunidade rural e ocorreu entre outubro de 2017 e outubro de 2018. Participaram agricultores e agricultoras com idades entre 50 e 60 anos, estudantes universitários na faixa de 20 a 35 anos e crianças entre 10 e 15 anos. As mulheres representaram a maioria dos participantes, correspondendo a 60% do grupo envolvido nas oficinas.

A proposta valorizou conhecimentos locais e criou um espaço de aprendizagem compartilhada. A construção das violas permitiu que os participantes mobilizassem experiências anteriores com trabalho manual, uso de ferramentas, organização coletiva e resolução de problemas. Essa dinâmica aproximou a prática cultural da reflexão sobre o território, conforme a perspectiva de Góis (2008), para quem o trabalho comunitário pode fortalecer processos de consciência, participação e vínculo social.

A Figura 2 mostra as principais partes de uma viola caipira, que podem ser enumeradas da seguinte forma: (1) tarraxa ou cravelha; (2) pestana ou traste zero; (3) trastes, trasteira, palheta, espelho ou escala; (4) castanha ou pé do braço; (5) aro, faixa lateral, cinta ou ilharga; (6) mão, cabeça ou cravelhas; (7) casa; (8) traste; (9) corda; (10) roseta; (11) boca; (12) cintura; (13) cavalete; (14) tampo ou testo sonoro; (15) braço; (16) bojo superior; (17) fundo; (18) bojo inferior.



**Figura 2 - Principais elementos que compõem uma viola caipira**

Fonte: Adaptado de Corrêa (2002, p. 31).

A escolha dos materiais e das ferramentas considerou as condições concretas do pré-assentamento. Buscou-se utilizar materiais de baixo custo e ferramentas que pudessem ser manejadas sem dependência constante de energia elétrica. Essa decisão respondia à ausência de infraestrutura no local e impunha desafios ao processo de construção, pois a lutheria exige procedimentos específicos de corte, modelagem, colagem, ajuste e acabamento.

O projeto contou com a orientação de um luthier, responsável por conduzir aspectos técnicos da construção dos instrumentos. Esse profissional orientou a seleção das madeiras, a modelagem das peças, a montagem dos corpos, a preparação dos braços e os ajustes necessários à sonoridade, à afinação e ao conforto de execução. Sua atuação articulou conhecimento técnico, acompanhamento pedagógico e diálogo com a realidade social dos participantes.

Durante as oficinas, a construção das violas também abriu espaço para discussões sobre as condições de vida no pré-assentamento. Os participantes debateram temas como acesso à energia elétrica, renda, qualidade de vida, festas, manifestações religiosas e formas de organização

comunitária. Esses diálogos indicam que a atividade não se restringiu à fabricação dos instrumentos, pois também produziu reflexões sobre o território e sobre as relações sociais que sustentavam a vida coletiva naquele contexto.

O primeiro dia de trabalho concentrou etapas fundamentais da confecção dos instrumentos. Foram realizados cortes de partes básicas da viola, como fundo, tampo e laterais, além da elaboração dos leques harmônicos e da colagem das peças que formariam o bojo do instrumento. A Figura 3 registra esse momento de trabalho coletivo na construção do corpo da viola.



**Figura 3 - Trabalhando na construção do bojo da viola**

Fonte: Gustavo Filipe (2018).

A construção dos braços das violas evidenciou a importância das relações comunitárias para a continuidade do projeto. Em um dos momentos da oficina, a falta de funcionamento do gerador ameaçou interromper o trabalho. Um morador do pré-assentamento, que não participava diretamente das atividades, realizou o conserto do equipamento e possibilitou a continuidade da construção. Esse episódio revelou a importância da vizinhança, da confiança e da cooperação em um território marcado por limitações de infraestrutura.

O episódio também evidencia uma contradição presente no contexto do pré-assentamento. A continuidade da oficina dependeu da capacidade dos moradores de resolver coletivamente um problema produzido pela precariedade da infraestrutura local. A cooperação comunitária garantiu a continuidade da atividade, mas não elimina a ausência de condições materiais adequadas para sua realização. Nesse sentido, o projeto tornou visível tanto a força das relações de vizinhança quanto os limites impostos pela falta de acesso regular a recursos básicos, como energia elétrica, equipamentos e assistência técnica.

Essa situação permite compreender a construção da viola como prática cultural vinculada às condições concretas do território. O saber-fazer mobilizado nas oficinas não ocorreu em um espaço neutro, mas em um pré-assentamento atravessado por disputas fundiárias, limitações materiais e formas coletivas de resistência. A experiência da oficina articulou aprendizagem técnica, organização comunitária e enfrentamento cotidiano das dificuldades que marcam a vida no território.

A Figura 4 apresenta o momento de construção do braço da viola caipira. Essa etapa exigiu atenção técnica, precisão no manuseio das ferramentas e colaboração entre os participantes.



**Figura 4 - Construção do braço da viola caipira**

Fonte: Gustavo Filipe (2018).

A cooperação entre participantes, vizinhos e equipe do projeto foi decisiva para superar dificuldades materiais e técnicas. Nesse processo, a fabricação dos instrumentos tornou visível uma dimensão cultural da vida no pré-assentamento, articulando aprendizagem, trabalho coletivo e reflexão sobre as condições concretas do território.

Os efeitos do projeto foram observados por meio de indícios qualitativos produzidos ao longo das oficinas, e não por mensurações quantitativas de impacto. Entre esses indícios, destacam-se a finalização coletiva das quatro violas caipiras, a participação intergeracional de agricultores, agricultoras, estudantes universitários e crianças, a presença majoritária de mulheres, a elaboração do guia de confecção do instrumento, a mobilização de moradores não diretamente vinculados ao projeto e a emergência de debates sobre energia elétrica, renda, qualidade de vida, festas, manifestações religiosas e organização comunitária. Esses elementos indicam que a construção das violas funcionou como dispositivo de aprendizagem, convivência e reflexão territorial.

## **A viola caipira como prática cultural e territorial**

A construção coletiva das violas revelou a capacidade dos participantes de realizar uma atividade técnica em condições materiais limitadas. No início do projeto, a fabricação dos instrumentos parecia difícil diante da ausência de infraestrutura, da limitação de ferramentas e da própria complexidade da lutheria. Ao longo das oficinas, o trabalho coletivo transformou essas dificuldades em situações de aprendizagem, cooperação e organização comunitária.

A finalização das quatro violas caipiras expressou o resultado material do projeto e evidenciou o processo social que sustentou sua realização. A Figura 5 apresenta os instrumentos finalizados ao término das oficinas.



**Figura 5 - Violas caipiras finalizadas**

Fonte: Átila Silva (2018).

A construção das violas permitiu observar o vínculo dos participantes com o território e com as relações comunitárias mobilizadas durante o projeto. O instrumento produzido não pode ser compreendido apenas por sua materialidade. Ele condensou trabalho manual, saber técnico, memória cultural, convivência e cooperação entre os sujeitos envolvidos.

Para Santos (1978), o território deve ser compreendido a partir das relações sociais e econômicas que nele se produzem e se reproduzem. Essa compreensão contribui para analisar a construção das violas como uma prática situada, realizada em um espaço marcado por disputas fundiárias, precariedade de infraestrutura e formas coletivas de organização. Nesse contexto, o território não aparece como cenário externo à atividade, mas como parte das condições que deram sentido ao processo vivido.

O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total (Santos, 1978, p. 171).

A construção coletiva da viola também pode ser compreendida como uma experiência de enraizamento, pertencimento e reconhecimento do lugar. Moles e Rohmer (1998) contribuem para essa reflexão ao tratar da criação do *point ici*, isto é, do ponto ou espaço que passa a ter significado para o sujeito que o vivencia. No caso do projeto, o lugar da oficina, os materiais utilizados, as dificuldades enfrentadas e as relações estabelecidas passaram a compor a memória coletiva dos participantes.

Pol (1996) afirma que as pessoas, individual ou coletivamente, precisam identificar os territórios como próprios para construir sua personalidade, estruturar suas cognições e relações sociais e satisfazer necessidades de pertencimento e identificação. Essa perspectiva ajuda a compreender a experiência analisada neste artigo. Ao participarem da construção das violas, os sujeitos produziram uma relação prática e simbólica com o território. A atividade possibilitou reconhecer o pré-assentamento como espaço de criação, aprendizagem e produção cultural.

Desse modo, a viola caipira finalizada não representa somente o produto de uma oficina de construção instrumental. Ela expressa uma prática cultural territorializada, na qual o saber-fazer, a cooperação e o pertencimento se articularam às condições concretas do pré-assentamento Elizabeth Teixeira. A experiência indica que ações culturais podem contribuir para processos de (re)envolvimento rural quando se vinculam às memórias, aos saberes e às formas de organização dos sujeitos que vivem no território.

## Considerações finais

O estudo da construção coletiva das quatro violas caipiras no pré-assentamento Elizabeth Teixeira permitiu analisar a cultura como dimensão dos processos de (re)envolvimento rural. A experiência acompanhada mostrou que uma prática cultural situada pode mobilizar saberes, vínculos comunitários, memória coletiva e formas de pertencimento territorial.

A análise dos dados evidenciou que a construção das violas ultrapassou o resultado material dos instrumentos finalizados. O processo envolveu cooperação, partilha de conhecimentos, resolução de problemas

técnicos e enfrentamento das limitações de infraestrutura do território. Esses elementos apareceram nas oficinas, na participação intergeracional, na produção do guia de confecção da viola, na mobilização de moradores e nos debates sobre energia elétrica, renda, qualidade de vida, festas, manifestações religiosas e organização comunitária.

Esses elementos devem ser lidos nos limites da abordagem qualitativa adotada. A pesquisa não buscou medir impacto por indicadores quantitativos, mas interpretar os efeitos observados a partir da participação nas oficinas, dos registros do processo e dos materiais produzidos durante a experiência.

A noção de multifuncionalidade rural contribuiu para compreender o pré-assentamento como espaço de produção material, social e simbólica. Nesse contexto, a agricultura familiar e a vida comunitária envolvem práticas culturais, relações de vizinhança, memórias, festas, religiosidades, formas de aprendizagem e modos próprios de organização coletiva.

A partir da experiência analisada, o termo “(re)envolvimento” foi utilizado para enfatizar a relação entre sujeitos, cultura e território. A escolha desse termo destaca processos em que os participantes se vinculam ao lugar, reconhecem seus saberes, valorizam práticas culturais e produzem sentidos sobre o território em que vivem. No caso estudado, a construção das violas funcionou como prática formativa e cultural vinculada às condições concretas do pré-assentamento.

Pol (1996) contribui para essa leitura ao afirmar que a identidade social de uma comunidade pode ser produzida por mecanismos de coesão e identificação. No projeto analisado, esses mecanismos apareceram nas práticas de cooperação, na participação coletiva nas oficinas, no apoio de moradores e na valorização dos saberes mobilizados durante a construção dos instrumentos. A experiência reforçou a compreensão do território como espaço vivido, apropriado e significado pelos sujeitos.

A Figura 6 sistematiza dimensões observadas na experiência analisada e propõe recomendações para pensar o (re)envolvimento rural em diálogo com práticas culturais situadas.



**Figura 6 - Desenho da viola com recomendações para o (re)envolvimento rural**

Fonte: Elaborado pelo autor.

A figura não deve ser lida como modelo universal de intervenção em comunidades rurais. Ela sintetiza elementos observados neste estudo de caso e propõe uma reflexão sobre a importância das práticas culturais em processos de fortalecimento territorial. Sua contribuição está em indicar que ações culturais podem favorecer formas de pertencimento, participação e valorização dos saberes locais quando articuladas às necessidades concretas da comunidade.

Como limite da pesquisa, destaca-se que a análise se concentra em uma experiência específica, realizada em um pré-assentamento rural no município de Limeira, estado de São Paulo. Os resultados não podem ser generalizados para todos os contextos rurais. Eles indicam possibilidades

de reflexão sobre a relação entre cultura, território e desenvolvimento rural a partir do caso analisado.

Conclui-se que a construção coletiva das violas caipiras contribuiu para fortalecer vínculos sociais e territoriais no pré-assentamento Elizabeth Teixeira. A partir deste estudo de caso, o (re)envolvimento rural pode ser compreendido como um processo situado, no qual memória, saber-fazer, cooperação e protagonismo dos sujeitos se articulam às condições concretas de vida e às formas de organização coletiva no território.

## Referências

BAPTISTA, F. O. *Agriculturas e territórios*. Oeiras, Portugal: Celta, 2001. 207 p.

CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 7. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987.

CAZELLA, A. A. Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil: o dilema entre inclusão produtiva e assistência social. *Política & Sociedade*, v. 15, p. 49, 14 mar. 2017.

CORRÊA, R. *A arte de pontear viola*. 2. ed. Brasília: Viola Corrêa, 2002. 259 p.

DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

DIAS, S. S. A. *O processo de escolarização da viola caipira: novos violeiros (in)ventano modas e identidades*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2010. 316 p.

GÓIS, C. W. L. *Saúde comunitária: pensar e fazer*. São Paulo: Hucitec, 2008.

LIMA, A. V. Agricultura a tempo parcial e multifuncionalidade do rural: novas perspectivas para o desenvolvimento rural? Actas do III Congresso de Estudos Rurais (III CER), Faro, Universidade do Algarve, 1-3 nov. 2007.

MOLES, A.; ROHMER, E. Psychosociologie de l'espace. Paris: L'Harmattan, 1998.

OLIVEIRA, E. Agricultura familiar e sua identidade cultural no espaço rural. Revista Ciências Humanas, Unitau, v. 7, n. 2, p. 173-188, jul./dez. 2014.

ORTIZ, R. Mundialização e cultura. São Paulo: Brasiliense, 2006.

POL, E. La apropiación del espacio. In: ÍÑIGUEZ, L.; POL, E. (org.). Cognición, representación y apropiación del espacio. Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona, 1996. p. 45-62.

SANTOS, M. Por uma geografia nova. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1978.

SCHWARCZ, L. M. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VIANNA, H. O mistério do samba. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

WISNIK, J. M. O som e o sentido: uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

### **Átila Ramirez da Silva**

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Licenciado em Pedagogia e graduado em Tecnologia em Controle Ambiental pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Possui formação em Viola Caipira pelo Conservatório de Tatuí e pela Escola de Música do Estado de São Paulo (EMESP). Atua nas áreas de Educação e Cultura, com ênfase em práticas culturais brasileiras, saberes tradicionais, cultura popular e processos formativos em contextos escolares e comunitários.

E-mail: [atilaramirezsilva@gmail.com](mailto:atilaramirezsilva@gmail.com)

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7469225152408711>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7647-1106>

### **Luiz Antonio Cabello Norder**

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Wageningen. Professor titular da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no Departamento de Desenvolvimento Rural, e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural (PPGADR/UFSCar). Mestre em Sociologia e graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Realizou estágio de pós-doutoramento na Universidade de Paris X - Nanterre e na Universidade de Sevilla. Atua principalmente nos temas agroecologia, comunidades tradicionais, história agroambiental, memória e identidade social.

E-mail: [luiz.norder@ufscar.br](mailto:luiz.norder@ufscar.br)

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0080353709980071>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3710-2468>

---

Recebido para publicação em novembro de 2024.

Aprovado para publicação em dezembro de 2025.